

ENSAIO SOBRE A QUEDA

CARLOS CANHAMEIRO

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

PREFEITURA DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE CULTURA
CENTRO CULTURAL SÃO PAULO

ENSAIO SOBRE A QUEDA
Carlos Canhameiro

Aqueles que caem

PREFÁCIO

PARA ALÉM DA QUEDA

Cássio Pires

Já há muito tempo vislumbrou-se, no campo das artes cênicas, a ideia de que era necessário romper com os paradigmas do Drama Moderno. É, de certa forma, uma perspectiva já *assentada*, posto que imperativa a todos aqueles que buscam no corpo a corpo com essas artes uma forma de reagir às contradições de seu tempo. Nos meios de uma produção teórica assombrada pela perspectiva de ter que se relacionar com uma transformação histórica que parecia se afirmar essencialmente pela negação do passado, não se pôde ir além de fundamentações genéricas e tateantes que batizaram o movimento de mudança com nomes deliberada e perigosamente pouco precisos, como “cena contemporânea”, “teatro pós-moderno” ou “teatro pós-dramático”.

Essa imprecisão é prenúncio de um assentamento que se deu de forma problemática. Em um tempo em que a produção de artes cênicas, como qualquer produção humana, subjugou-se à lógica dos mercados e formulou-se muitas vezes em pedagogias de superfície, formaram-se algumas gerações de artistas que entenderam, fundamentalmente, que essa revisão das artes cênicas seria uma revisão restrita ao campo da forma. Renovação manca, consciente da necessidade de transformação dos códigos literários e cênicos, mas inconsciente do impositivo de questionar radicalmente a relação entre o homem e o seu *zeitgeist* ou o homem e os extratos e substratos históricos que o desafiam.

Assim, muitas vezes, renovamos regressivamente. E a cena tornou-se uma butique vanguardista, “descolada”, “contemporânea”, em que hermetismos de ocasião são as vestimentas perfeitas para esconder a velhice dos corpos das ideias. Assim, nos cansamos de ver, a toda hora e lugar, formas cênicas “renovadas” que são, no fundo e no entanto, expressões do conjunto de ideias de consciências melodramáticas (caso bem típico no teatro brasileiro), do drama de tese ou, quando muito, remodelações precárias, reduções mesmo, do que foi o melhor do Drama Moderno. No campo específico da dramaturgia, a implosão da ideia de personagem, do uso da rubrica, da causalidade, da divisão em cenas e atos volta e meia confere ao texto teatral uma aparência de obra “nova” e “perigosa”, mas que, em essência, exprime ideias “inquestionáveis” sobre o humanismo, a cidadania, ou, em outro exemplo dentre tantos, é mera expressão da sensação de um aprisionamento de classe, à modo de cacoete. Louvamos o espetáculo pelo simples fato de ele ser “antipsicologizante”, “improvisacional”,

“interativo”, “multimidiático”, a despeito do que essas proposições efetivamente produzam em termos de novas questões e horizontes. Um teatro que quer colocar o espectador na berlinda das ideias sem colocar-se nela, posto que quer, desesperadamente, ocupar um lugarzinho qualquer dentro do mercado das artes.

**

O que parece haver no trabalho de Carlos Canhameiro é um entendimento exato daquilo que orienta a necessidade de transformação das artes cênicas de nosso (e talvez de qualquer) tempo. Não há novidade pelo impositivo de ser novo. Há resposta formal para uma relação com o mundo que não cabe nos termos do Drama novecentista ou Moderno. Assim, penso, é menos importante buscar entender se esta é ou não uma “obra nova” (Eclesiastes para sempre nos perturbará com a afirmação de que “não há nada de novo sob o sol”) do que desvendar os caminhos que nos levam a uma relação produtiva com ela.

Alguns recursos de dramaturgia que engendram um texto como *Ensaio sobre a queda* são, de fato, do conhecido arsenal do que se chama, por vezes, de “nova dramaturgia”: a rubrica é utilizada com absoluta parcimônia, servindo, quase sempre, muito mais como uma provocadora da cena do que como uma orientação precisa ao encenador. A menção aos personagens que enunciam determinadas réplicas, em alguns momentos, some (como na cena inicial da peça). A linearidade é questionada por completo. Mas aqui, o que acolá é por tantas vezes modismo, é material e forma a serviço de uma *relação consigo mesmo e com o mundo* que só pode ser expressa a partir do enfrentamento com as categorias dramáticas estabelecidas pela história do teatro. Parece-me haver no texto uma espécie de sede de totalidade, uma ambição de ultrapassar os limites entre a gnose e a história ou entre o sujeito e o mundo; uma ambição de enfrentar a um só tempo a existência exterior (bibliotecário, filho, namorado, etc.) e interior de Dante (algo que expresse essencialmente em sua relação com Carlo Giuliani), bem como os grandes conflitos históricos de seu tempo, tomados não como um série inventariada de problemas, mas, ao contrário, como questões articuladas pela relação atávica que estabelecem entre si.

Ao longo da leitura, estamos diante não só do convite óbvio a nos relacionarmos com a perspectiva da Queda que nomeia a peça e é o motivo maior do início, do meio e do fim da ação. Na arte, há que se ler enunciados, mas também estruturas. E, em sua estruturação, a peça constitui-se sob a égide dos paradoxos contemporâneos que problematizam a ideia serena de identidade. A matéria de Dante é feita

não de um punhado de características inquestionáveis (é amargo, é amigo, é frustrado, etc.), mas sim do atrito de sua relação com Deus (*Deus está morto* é uma premissa da peça; citações bíblicas, como epígrafes de todas as cenas, outra), com o outro (Médico, Padre, seus amigos, Paula) e com a história política. Se Deus, segundo a proposição teológica, é “aquele que é” Dante não é só aquele que cai, mas é também aquele que é e não é, feito de construções e destruições contínuas (não me parece acaso que seu pai seja um arquiteto, não me parece acaso que seu prédio tenha sido implodido), feito e desfeito de alteridade e mergulhos interiores: “Ficaram pendências”, “Sobraram pontos finais”, dirão Ester e Paula na cena final.

Com o passar do tempo (*Ensaio sobre a queda* foi escrita há alguns anos), a obra de Carlos Canhameiro tem caminhado em direções que parecem radicalizar a premissa de que, em nosso tempo, as formas cênicas só se legitimam como expressão das sedes e faltas que nos (des)constituem. A perspectiva metafísica da Queda deu lugar à destruição da Cultura em um belo texto chamado *Concílio da Destruição*, que amadurece proposições deste *Ensaio sobre a queda* e agrega a elas outras perspectivas. Em outras vias, mas na mesma direção, Canhameiro tem se arriscado, tanto em trabalhos com seu grupo, o Les Commediens Tropicales, como em trabalhos com outros coletivos, a investigar as possibilidades da cena performativa, tanto do lugar da direção como da atuação. Nestes, de alguma forma, a noção de “experimento”, que deveria estar implícito em qualquer tentativa artística, volta a fazer sentido.

O RESTO É... ILUSÃO

Marcelo Lazzaratto

Viver é cair. Uma queda contínua rumo ao nada. Os relacionamentos humanos se estabelecem na queda, ou seja, predestinados a se esborracharem. Nada fica, nada está, nada dura, somente o tempo da queda. Viver é uma vertigem. Angustiante e trágica porque nunca cessa.

Com esses argumentos Carlos Canhameiro desenvolve *Ensaio sobre a queda*. Peça fragmentada, mas não desconexa, condizente a um tipo de dramaturgia que se originou com o espanto aterrorizador causado pela ação humana na 2ª Guerra Mundial e que teve inúmeros desdobramentos nas Artes Cênicas, desde o chamado Teatro do Absurdo até o Teatro pós-dramático passando pelos Happenings e Performances multidisciplinares.

Canhameiro escreveu este texto um pouco depois de ter concluído sua graduação na Universidade de Campinas. Ali, inquieto, debatia, questionava e apreendia tudo o que dissesse respeito às questões referentes à construção de linguagem. Uma vez me perguntou: o que é linguagem? Não que ele não soubesse; disciplinado, atento e estudioso senti que queria minha resposta para melhor estruturar um quebra-cabeça composto de outras tantas versões e opiniões a respeito do tema para que, enfim, pudesse definir sua imagem, seu conceito límpido e concreto sobre a linguagem teatral. Ali, Canhameiro começava a fazer suas escolhas como artista atuante e questionador que vem se desenvolvendo com competência nos últimos anos no cenário do teatro paulista com seu grupo Les Commediens Tropicales.

Por ser um de seus primeiros textos, *Ensaio sobre a queda* é uma peça de aprendizagem. E nisso não há nenhum demérito, muito pelo contrário. Inspirado em Bertolt Brecht posso mesmo afirmar que tudo o que nasce de um verdadeiro e dinâmico processo de aprendizagem é fruto do encontro e do confronto entre forças diversas e diferentes que chacoalham seus sentidos, acabando por se reinventarem e apontando em direção ao novo.

No texto encontramos ecos de Bertolt Brecht e de Heiner Müller, duas ótimas influências. Canhameiro experimenta a pulverização dos traços distintivos do indivíduo, tornando-o social e coletivo à la Müller em *Hamletmachine*, sem contudo deixar escapar o fio narrativo fabular, não necessariamente linear, que se estrutura por meio de estações, à la teatro épico de Brecht.

Ensaio sobre a queda é uma dramaturgia que faz a transição entre as estruturas dramáticas tradicionais, em que algo acontece com alguém em determinado lugar, em chave dialógica; e a dramaturgia contemporânea, estruturada por meio de estados e intensidades em que local, tempo e ação são relativizados, em chave monológica. E me parece que é exatamente nessa hibridez que se encontra sua maior potência.

Antes de ser mais um exercício de estilo, onde o que se discute são as estruturas formais esvaziadas de pulsões e contradições humanas, *Ensaio sobre a queda*, apresenta-nos um caleidoscópio de imagens, estados de alma e reflexões sociopolíticas carregadas de inquietações advindas das tensões inerentes a qualquer ser humano que busca entender suas escolhas, vontades e necessidades ao longo da vida. O que quero dizer é que, na rígida estrutura formal do texto, encontra-se um coração atormentado que jorra seu sangue por todos os lados em busca de compreensão.

E a meu ver essa é a matéria essencial do teatro. O teatro é o lugar em que seres humanos veem outros seres humanos no aqui e agora, debatendo-se com questões profundas, lançando-se ao desconhecido, sofrendo experiências prazerosas e dilacerantes em busca de sentido. E, para Dante, personagem central da peça, o único sentido é a queda.

Talvez Dante seja um alter-ego de Canhameiro, talvez não; talvez seja um homem realizando sua trajetória pelo inferno de Dante (e daí seu nome), talvez não; o que interessa aqui é dizer que esse personagem, amargo, mordaz e insatisfeito, retrata o homem contemporâneo quando percebe que ele é simultaneamente agente e reagente de destruição, de mentira, de usurpação e de tirania, em um processo exploratório sem fim. O homem explorador do homem e de tudo o que o cerca. Terrível constatação. Não há redenção, muito menos salvação. E a tudo que nos ancoramos, e a tudo que acreditamos, às sensações de prazer e divertimento, de encontro e de júbilo, resta o nome de ilusão.

Ensaio sobre a queda denuncia-nos a nós, seres humanos, dizendo que a vida é uma queda e que qualquer outra sensação é mera ilusão. Só há a queda. O resto é... ilusão. E talvez aí esteja a força maior desse texto: em tempos como o nosso, em que tudo se relativiza para que não haja comprometimento com nada nem ninguém, para que todos e qualquer um possam sair incólumes e não se sintam responsáveis por qualquer ação ou medida, afirmar algo categoricamente, como o faz Dante ou Canhameiro, tanto faz, torna essa afirmação um marco, uma referência clara e inequívoca para que se possa concordar com ela ou dela discordar, para daí, sim, nascer um verdadeiro debate que possa nos levar a reais transformações advindas de um entendimento nascido do complexo e dolorido enfrentamento de ideias e atitudes.

ENSAIO SOBRE A QUEDA

CENA ZERO

Queda do paraíso

[a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo]

- Respire. Respire. Força. Força agora. Vamos, respire e empurre.
Empurre. Empurre.

- Estou empurrando.

- Mais... Empurre mais.

- Estou empurrando...

- Mais...

- Estou empurrando, caralho.

- Mais. Não desista. Força. Empurre.

- SAIA LOGO DE DENTRO DE MIM.

- Só mais um pouco. Já vejo a cabeça. Um último empurrão com toda a sua força.

- Não consigo. Não tenho forças.

- VOCÊ CONSEGUE. UM, DOIS, TRÊS, FORÇA.

- SAIA, FILHO DA PUTA.

[silêncio]

- Onde está meu filho, doutor?

- Deus do céu, ele caiu.

CENA 1
Roupa suja fora de casa
[Amigo, a que vieste?]

ESTER

Acho que ele está acordando. As pálpebras estão se mexendo.

CÉSAR

Dante? Você está...?

DANTE

Vivo? Surpreso?

CÉSAR

Não.

DANTE

Quando fechei os olhos sabia, em algum lugar, que seria pela última vez... Esperava abri-los em outro lugar ou em lugar nenhum. Acordei no lugar errado.

ESTER

Animador, como de costume.

DANTE

Quem está aqui?

CÉSAR

Não reconhece mais os amigos?

DANTE

Nunca soube que tinha um, quanto mais no plural? César?

CÉSAR

Presente.

DANTE

Então é isso o inferno?

ESTER

Pode ficar pior.

DANTE

Ester? Quanto de sedativo me deram?

ESTER

Me perguntei se poderia deixá-lo numa hora como essa.

DANTE

Só não estou rindo desta asneira porque meu corpo desaprendeu a rir.

ESTER

Ria, Dante. Não o vejo rir desde...

CÉSAR

Não se lembra? Desde que nos conhecemos...

[riso]

DANTE

Nos conhecemos? Creio que não. Eu faço as gentilezas. Prazer, Dante. Por que vieram?

CÉSAR

Vim porque você quis.

DANTE

Por favor, não preciso da pena de vocês. Não agora, que estou no fim.

ESTER

Não estamos aqui por pena. Quer dizer... Não sou eu que sinto isso por você.

DANTE

Não preciso de velhos amigos me analisando. Pronto, estou vivo. Por algum tempo, acredito. Já estão dispensados.

ESTER

Nem o tempo é capaz de amolecê-lo.

DANTE

O tempo endurece, Ester. Você deveria saber disso, minha querida, já que fez parte da engrenagem que me deixou assim. Vocês dois.

ESTER

Por favor, Dante... Mesmo agora...

DANTE

Na hora da minha...? Sim, mesmo agora.

CÉSAR

O passado já está enterrado.

DANTE

Está? Então é um cadáver que custa a aceitar sua condição de morto. Quando chegaram?

ESTER

Pouca coisa antes de você acordar.

DANTE

Velaram meu sono? Eis uma coisa que não esperava mais nesta vida.

CÉSAR

Viver, sempre uma eterna surpresa.

DANTE

Profundo e verdadeiro. Me surpreende, César. Tarde demais, já estou apaixonado pela morte.

ESTER

Está mesmo?

DANTE

Viver não é uma brincadeira fácil de aprender.

ESTER

Morrer é?

DANTE

Não sei... Descobrirei em breve.

CÉSAR

A vida ainda me parece uma opção melhor. Sempre.

DANTE

Não estou tão certo. A morte, agora, me parece mais fácil. Ninguém voltou de lá. Daqui já foi tanta gente e muitas outras querendo ir.

ESTER

Só há um jeito de saber.

DANTE

Já estou pronto para a lição. Estou farto...

CÉSAR
Você está farto desde que te conheço.

ESTER
Talvez antes...

DANTE
Nasci na casta dos enfastiados.

CÉSAR
Não, Dante. Você se colocou lá.

DANTE
Estou farto disso... Você e suas análises... Desde sempre...

ESTER
Antes fosse só você o alvo das análises do César.

CÉSAR
Unindo-se a ele? Não esperava esse...

ESTER
Não estou me unindo... Estou concordando.

DANTE
O mesmo filme.

CÉSAR
Concordar é uma união.

DANTE
Então, estamos de acordo que não precisamos começar esse tipo de idiotice.

ESTER
Estamos.

CÉSAR
Nunca paramos com esse tipo de idiotice.

DANTE
Errado, César. Você nunca parou. Chega... Viram o meu pai?

CENA 2

Do the revolution

[Quando os ímpios se multiplicam, multiplicam-se as transgressões; mas os justos verão a queda deles]

Ele acorda. Veste regata branca e jeans. Não faz a barba em desprezo ao próprio ato de se barbear. Bebe café preto em companhia da mãe. Ele tem 23, ela tem muito mais. Ela reclama do cabelo despenteado. Ele sorri da trivialidade. Ela sorri do sorriso dele e se sente mãe e completa. Não diz que o ama por capricho e vergonha. Ele lança um beijo a distância com um gesto de tiro feito pelos dedos. Ela sorri, ferida, e nunca mais sorrirá igual.

Ele com os amigos. Irão protestar. Diversão em tempos de mesmice. Dentre todas as possibilidades do mundo para dar razão à própria tarefa de existir, escolhem a revolução.

Os policiais estão protegidos pelos escudos transparentes, capacetes, cassetetes em punho. Missão: proteger os cidadãos. Quais? Quem protegerá os soldados? Os homens de ternos, escondidos dentro dos edifícios espelhados, acreditando fazer em uma mesa retangular o melhor para todos? Homens de bem. Homens com bens. Homens designados pelos cidadãos para ali estarem e ali decidirem o melhor. Homens iguais aos homens de fora. Homens com medo.

Os policiais contêm a manifestação. Cautela, a TV está presente. Nada passa despercebido. Os manifestantes encenam para as câmeras. Os homens em casa nada fazem, inertes em seus sofás. Tudo resumido em trinta minutos em qualquer telejornal. A matéria completa, com gosto de velha, na porta de casa, no dia seguinte. Todos em seus postos. Os homens com cassetetes também são homens de coração. Os homens com bandeiras e gritos de protestos também são homens. Não se sabe quem será o primeiro a cair. Só se sabe que muitos cairão.

Os homens de ternos sorvem o melhor café. Os homens de fardas avançam em bloco, atirando nos homens que gritam. Os homens que gritam já não sabem se gritam em protesto ou devido à dor. Os homens com câmeras nas mãos buscam o melhor ângulo. Os homens nos sofás babam de sono. Balas de borracha, bombas de efeito moral, coquetel molotov, pedras, cassetetes, sangue. Os homens não sabem o que fazem. Nunca souberam.

DANTE
CARLO?

CENA 3
Conto do Vigário
[Porque nenhuma mentira vem da verdade]

- Vim em razão do anúncio.
- O trabalho é simples. Tem alguma dúvida?
- Pode me falar mais da rotina?
- Trabalhamos das 9 às 19, duas horas de almoço. Sua tarefa será atender o público preenchendo a retirada e a devolução dos livros.
- Muitas pessoas frequentam a...
- Não! E sim... Como pode ver, temos algumas pessoas procurando livros, poucas pegam emprestado. É um trabalho simples, como disse.
- Posso ler enquanto trabalho?
- Desde que não atrapalhe o bom funcionamento da biblioteca, não fazemos objeção. Qual a sua idade?
- 23 anos. Eu terei que guardar os livros?
- Não, temos um funcionário responsável por esse tipo de função. Eventualmente...
- Sim?
- Para o melhor andamento da biblioteca o ideal é que aprenda todas as tarefas de todos os funcionários.
- Compreendo.
- Que bom.
- O salário?
- O que estava no anúncio.
- Sei...
- Mais alguma dúvida?

- Existe alguma possibilidade de crescer... Quer dizer... De conseguir, depois de um tempo, é claro... De conseguir uma colocação...

- Existe e tudo sempre dependerá do seu desempenho. Posso fazer uma pergunta?

- Claro.

- Gosta mesmo de ler?

- Aprendo a gostar!

- Então não poderá se queixar dos seus colegas de trabalho.

- Como assim?

- Você terá a companhia de grandes seres humanos. Todos os dias. E, acredite, eles poderão ir para casa com você. Se você quiser.

- Eu quero.

CENA 4

Notas de um suicídio anunciado

[Logo o bom tornou-se morte para mim?]

Eu não queria pedir desculpas... Oh, Deus, por que é tão ingrato com as palavras? Desculpe-me. Não posso explicar o que você não pode entender. Nem eu... Posso, mas não com palavras. Meu amor, cuide bem do nosso pequeno. Eu sei que você pode... Eu não pude. Eu não sou fraca, não me veja assim. Me perdoa? Não! Esquece. Eu não mereço perdão... Quer dizer, não quero. Eu não pertenço a este mundo... Não preciso ser perdoada por isso. Deus não perdoa... Nunca fiz parte. Ah, como é difícil explicar por aqui. Não tenho coragem de revelar os meus olhos para os seus... Você entende, meu amor? Entende, por favor? Eu me joga daqui porque é como me jogar para sempre em você... Você me deu a sua Torre de Babel, não quero ver Deus, quero fugir do inferno. Adeus.



CENA 5

Deus está morto

[Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir]

DANTE

Sabe quando a igreja está lotada? Pessoas sentadas, pessoas em pé, pessoas na porta, próxima ao altar... Eu estava lá, provavelmente em pé, perto da porta. Minha mãe não gostava disso. Eu não conseguia ficar sentado ao lado dela. Ela repetia o que o padre falava, e... Sei que é foda falar mal da própria mãe. Ela não sabia cantar, além de desafinada, não conhecia a letra. Porra, sei lá quanto tempo ela frequentava aquela igreja.

Santo Santo Santo

...eus ...otente.

Tua ...ção ...festa AMOR

Antes... nanana humhumhum raaaaa

Nananana [tinha momentos que ela ficava em silêncio] SENHOR.

Então, a última palavra ela cantava com toda a força, como a mais devota das mulheres e chorava, sem mudar a expressão do rosto, só lágrimas escorrendo. Era insuportável. Parecia que sempre havia algo errado a ser corrigido em nossas vidas. Nem sei por que estou contando isso...

Deus Onipotente, mãe. DEUS ONIPOTENTE. Porra.

O padre começou o sermão. Todos os sermões para mim eram como o sermão da montanha.

PADRE

Bem-aventurados os pacificadores que toleram sem mágoa os pequenos sacrifícios de cada dia, em favor da felicidade de todos...

DANTE

Eu nunca entendi o termo bem-aventurado... Quando aprendi latim. Eu aprendi latim? Bem-aventurar é tornar alguém feliz. Eu tornei?

PADRE

Bem-aventurados os que sofrem _ perseguição ou _ incompreensão por amor à solidariedade, à ordem, ao progresso e à paz, reconhecendo acima da epiderme sensível, os sagrados interesses da Humanidade...

DANTE

Como alguém poderia adorar um deus que não parava de falar? Todos aqueles santos mudos. Cristo mudo na cruz. Os fiéis mudos nos bancos. Exceto minha mãe que sempre pronunciava as últimas palavras... Sempre. Eu havia desistido de Deus...

PADRE

Hoje, amados e amadas, vivemos um caos familiar. Todos sabemos que uma família é composta de pai, mãe e seus filhos. Mas, hoje, parece que todos são filhos da mãe...

[risos]

DANTE

Eu ri. O padre tinha falado filho da mãe. Não era um FILHO DA PUTA, mas já era alguma coisa.

[risos]

PADRE

Amados e amadas, filhos da mãe no sentido...

DANTE

E outros também riram e continuaram a rir. Éramos todos filhos da mãe.

[gargalhadas]

PADRE

Filhos da mãe...

DANTE

O padre também riu. Todos riam, todos gargalhavam... A igreja era profanada pelos risos. Crianças rindo, mulheres, minha mãe, o padre, os santos... Tudo ria. Podia rir na igreja. Deus ria pela primeira vez. E um coroinha chacoalhou seu maldito sino, diversas vezes. Havia medo em seus olhos. E quanto mais insistíamos em rir, mais o coroinha batia o seu sino estridente e lançava o terror/temor pelo seu olhar. O padre se recompôs. O sino tocando. As mulheres enxugaram as lágrimas. O sino tocando. Os homens aprumaram os ternos e o maldito sino tocando. E fez-se silêncio. Todos ficaram de joelhos. Só eu fiquei em pé e pude ver todo o riso cair por terra e Deus despencar, morto, no chão da igreja.

CENA 6

Iconoclasta

[Pois o artífice confia na sua própria obra, quando forma ídolos mudos]

- Falar do Rafael Alcântara é sempre uma tarefa difícil.
- Pai? Falta muito? Eu tô cansado...
- Começou muito jovem, nunca imaginei que se tornaria um arquiteto. No entanto, sempre soube que seria grande. Não importava o que fosse, o Rafael Alcântara seria grande em qualquer coisa que desejasse fazer.
- O senhor está apertando minha mão. Tá doendo.
- O Passenger Tower foi o ápice para o Rafael. Como posso dizer? O prédio foi um marco. É claro que você sabe disso tudo, não preciso ficar repetindo o que está em qualquer livro ou jornal...
- A gente não pode parar um pouco? Minhas pernas estão tremendo.
- Em cinco anos... Todas aquelas pessoas... É claro que ele sabia das mortes, sempre aparecia nos jornais. Não tinha nenhum orgulho disso. Ele não poderia se responsabilizar por nenhuma daquelas pessoas. Não adiantou... Quer dizer, não tinha como adiantar depois do que aconteceu.
- Pai... O senhor construiu tudo isso? Por que é tão alto?
- Vai ser muito difícil, tenho certeza. Ver seu maior projeto ser demolido... É, o prédio se tornou quase num mal público. É triste, mas é melhor que venha abaixo mesmo.
- Por que a gente não subiu de elevador? Dá para ver tudo dentro dele...
- Não, ele nunca superou esse episódio. Prefiro não falar muito. Mesmo assim, ele não tem o direito de opinar sobre o que ela fez. O Rafael ficou extremamente abalado, como não ficaria? Ela fez uma declaração de amor escolhendo o Passenger Tower, essa é a minha opinião.
- A gente pode ficar aqui, pai? Eu tenho medo... Muito vento. É muito alto, não consigo ver tudo. É tão grande.
- O prédio virá abaixo em duas semanas. O Rafael Alcântara irá fazer da queda um evento. Posso prever que será a última vez que ele fará alguma coisa ligada à arquitetura. Nosso mito nacional implodirá junto com o prédio.
- Pai, a mamãe foi embora daqui?

CENA 7

A tentação do bem

[Não vos sobreveio nenhuma tentação, senão humana]

DANTE

Eu sempre ando de ônibus sentado nos bancos que ficam de costas para o motorista. Gosto de ver a paisagem indo embora, se afastando de mim. Os olhos das pessoas, entediados, mirando a estrada que vem em suas direções. Eu posso olhar o futuro pelos olhos entediados dos passageiros. Pela janela eu vejo tudo se distanciando e desaparecendo. Nada fica em mim. Estou sentado, minha vida toda, de costas para o motorista como espectador dos acontecimentos que se afastam de mim.

- Por que o senhor não senta aqui?

DANTE

Eu não posso me sentar e encarar minha vida de frente. Eu vejo nos olhos deles que isso me transformará no que eles são. Não posso ser como eles: olhos entediados por uma vida que os atropela sem pena. Não serei como eles. Talvez queira. Sentado, uma vida normal. Minha vida é normal. Eu quero o bem. Quero mesmo? Já não sei.

- O senhor pode se sentar aqui, vou descer no próximo ponto.

DANTE

Não há próximo ponto. Eu não desço. Eu não quero me sentar aqui porque não sou como vocês e seus olhos entediados.

[mil vozes de mil passageiros que dizem, pensando: os olhos dele são tão vazios]

DANTE

Eu não irei me sentar de frente para o meu caminho e aceitá-lo. Eu quero vê-lo sempre indo embora, inevitável. Não há nada que se possa fazer com aquilo que já passou.

- Sente-se, por favor.

DANTE

Não. Eu não sou como vocês.

[Cobrador pensa e diz em voz calada: todos os dias, no mesmo banco, com o mesmo olhar, mais um como nós]

DANTE

Cobradores não pensam. Passageiros não pensam. Motoristas não pensam. Eu não penso. Tirem-me deste maldito banco que leva minha vida para trás e nunca para frente. O senhor está no meu lugar. Eu sei que não há lugares marcados dentro de um ônibus. Preciso me sentar neste lugar.

- Sente-se aqui, deste lado.

DANTE

Cobrador? Eu desço no próximo ponto.

CÉSAR

Somos amigos ainda?

ESTER

Somos. Mas você está ficando como ele. O pior dele.

DANTE

Um perdedor?

CÉSAR

Não, um monstro. Eu não quero ser você. Sente-se aqui.

DANTE

Não. O que somos? QUE MERDA NÓS SOMOS, CÉSAR?

CÉSAR

Você, eu não sei... Eu sei que não sou como você.

DANTE

Como pode saber se não sabe quem sou... Suas palavras não significam nada.

CÉSAR

Como você.

DANTE

MOTORISTA, PARE.

[não posso parar, não há um ponto final nesta situação]

DANTE
Mudamos? Nós mudamos?

ESTER
Acredito que sim... Eu mudei. Sente-se aqui.

DANTE
Como pode ter tanta certeza? Quem avalia as nossas mudanças?

CÉSAR
Quando se muda, se sabe.

ESTER
Ou os outros te dizem. Sente-se aqui, do meu lado, por favor.

DANTE
EU QUERO DESCER.

CÉSAR
Por que não se senta aqui conosco?

ESTER
E encara a sua vida...

DANTE
Esse banco só tem espaço para duas pessoas. Eu prefiro aqui, onde posso vê-los de frente.

CÉSAR
E ficar de costas para o que vemos.

DANTE
Vejo o futuro nos seus olhos.

ESTER
Vê o nosso, nunca o seu. Sente-se aqui...

DANTE
MOTORISTA.

CENA 8 **Fall in love**

[Tenho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor]

DANTE
CARLO?

PAULA
Pesadelos?

DANTE
Você? O que faz aqui? Sinto o cheiro de terra... [tosse] O fim...

PAULA
Deixe-me ajudá-lo.

DANTE
Quantos anos não tenho a sua ajuda. Muito menos você tão perto de mim.

PAULA
Te ajudo como ajudaria qualquer desconhecido...

DANTE
Não seja tão dura. Atrás dessa mulher rígida existe uma outra pessoa, de uma outra doçura.

PAULA
Não acredito que haja alguém escondida em mim além desta que sou. Chamou por Carlo?

DANTE
Sonhos ruins.

PAULA
Você merece todos.

DANTE
Sorria, estou chegando ao fim.

PAULA
Eu já passei... Não há do que sorrir.

ESTER

Talvez seja melhor deixarmos os dois sozinhos.

CÉSAR

Talvez não faça diferença. Não parece que eles tenham notado nossa presença até agora.

PAULA

Não há motivos para vocês saírem.

DANTE

Muito menos para vocês ficarem.

ESTER

Estamos de saída.

PAULA

Fiquem... Mesmo nessas circunstâncias não desejo ficar sozinha com este homem.

CÉSAR

Seu desejo...

DANTE

Pensei que você estivesse aqui para conversarmos.

PAULA

Não há mais necessidade de palavras... Nunca houve, talvez.

DANTE

Houve e você as guardou.

PAULA

Não seriam as palavras que resolveriam...

DANTE

Você nunca me perdoou.

PAULA

Por favor, Dante...

DANTE

Paula, não nos falamos há anos. O que esses anos guardaram? O que se escondeu e não foi dito?

PAULA
Basta. Eu não quero essa conversa.

DANTE
Eu quero.

PAULA
Para quê? Para ferir mais fundo?

DANTE
O ferimento é meu.

PAULA
Tolice. Você me deixou... Eu não quero isso...

DANTE
Eu te amo.

PAULA
NÃO, VOCÊ NÃO ME AMA. NUNCA ME AMOU. FILHO DA PUTA.

DANTE
Isso pode ser o início de uma conversa.

ESTER
Ou o final, se você ouvir o bom senso.

DANTE
Não preciso de bom senso, sempre tive... Eu quero ouvir.

PAULA
Por favor, Dante. Não faça isso comigo.

DANTE
Talvez não seja com você...

PAULA
Não. Eu te amava, desesperadamente. Amava-te mais do que a mim mesma.

DANTE
Eu sei.

PAULA

Sabe e jogou fora. Num dia, sem aviso, sem nada... COMO VOCÊ PODE?
Não era uma brincadeira...

DANTE

Eu sei...

PAULA

Não, você não sabe. FUI EU QUEM SAIU DA CASA. Eu te amava e não sabia o que isso poderia significar. Eu, imersa em minhas ilusões... A guerreira, um mundo melhor, a lutadora, a destemida...

DANTE

Você sim... Sempre determinada. Guerreira social... Um rolo compressor...

PAULA

Não vale nada. EU TE AMAVA. Parece uma merda, mas é verdade. Fazer o bem, lutar contra as injustiças, tentar fazer com que alguns tenham o mínimo de dignidade. Minha bandeira. Não vale nada...

CÉSAR

Onde estavam os filhos da revolução quando sofriram de amor não correspondido?

DANTE

Não piore.

PAULA

Não há o que possa piorar. Seu AMIGO está certo. Eu não tinha mais motivações depois de ver meu amor fracassar.

DANTE

Mas ele não fracassou.

PAULA

FRACASSOU. Eu não vi você desistir, ir embora... Olhava para o que éramos e não podia entender que não pudesse ser bom.

DANTE

Eu não vi acabar, só vi quando já havia acabado. Não foi fácil para mim também...

PAULA

Foi sim, Dante. Foi fácil. Em um dia você disse que não me amava, como quem diz que o pneu do carro está furado. Era preciso trocar. Noutro dia eu estava morando na casa de amigos. Não vejo maneira mais fácil de resolver as coisas.

DANTE

Paula, eu não resolvi nada. Eu não sabia o que era melhor para mim e muito menos o que era melhor para você. Eu tinha que fazer alguma coisa. Você sabe que eu sofri.

PAULA

Sofreu tanto que em três dias você estava dormindo com uma mulher do trabalho. TRÊS DIAS. Você tem ideia do quanto isso me machucou? Olhei para o meu corpo, olhei para os meus lábios, para minha alma e me vi feia. Eu perdi minha identidade. EU ACREDITAVA QUE VOCÊ ERA DIFERENTE.

DANTE

Eu nunca fui diferente. Eu não posso carregar o fardo da sua expectativa sobre mim. Você quis me ver assim, você me quis de um jeito que nunca fui... Paula, eu não sou diferente.

PAULA

Sim, você nunca foi. Isso também foi duro de descobrir. Seus lábios tocando outros... Seu corpo, meu santuário. Profanado, em três dias. Eu não queria outros homens, queria o corpo que se desenhava com o meu. O corpo que criamos juntos... Sem limites... Minha pele e a sua. Mas eu era pouco para você.

DANTE

Que merda, Paula. Eu não te pertencço. Não pertencço nem a mim mesmo. Você não era pouco nem demais para mim. Não coloque dessa forma. Vou me calar... É você quem deve falar. Você nunca foi pouco...

PAULA

Cale-se, Dante. Você é um traidor.

DANTE

Eu nunca te traí.

PAULA

TRAIU. Três dias é uma traição. Como eu não queria sentir isso... Todos diziam que o tempo seria remédio. Como pode o tempo ser a cura de todos os males? Não é. O tempo que cura também mata.

DANTE

Ela não significou nada.

PAULA

É exatamente isso, Dante. Ninguém significa nada para você.

DANTE

Eu já me penitenciei por isso. Eu tinha o direito de ter dúvidas, eu ainda tenho esse direito. O que você queria? Que eu continuasse te enganando? Quanto tempo mais duraria? Eu não podia fazer nada... Simplesmente eu não te amava mais. Queria ser livre... Não sei... Descobrir outras pessoas...

PAULA

Essa é a nossa diferença: você pensa em você, eu sempre pensei em nós. E enquanto você vivia eu esperava.

DANTE

Eu nunca lhe dei essa esperança.

PAULA

Quem disse que foi você? Fui eu mesma. Meu amor se recusava a morrer. Sua vida seguiu normal, todos te apoiaram. O mundo livre dava carta branca para sua atitude e me aconselhava a seguir adiante, encontrar novos homens, novos amores que me fizessem esquecer. Como se tudo não passasse de mercadoria defeituosa. A LIBERDADE, MEUS AMIGOS. Usem, abusem, divirtam-se e quando se cansarem, façam tudo de novo. Você tinha o direito de ser feliz, mesmo que isso fizesse de mim uma pessoa infeliz. Sim, estou reclamando... Meu orgulho está cansado... Eu aprendi a sonhar com você, meus planos eram os nossos planos. E tudo se desfez e fui obrigada a sonhar sozinha de novo e me recusei.

DANTE

Me perdoa?

PAULA

Não há o que perdoar. A vida não precisa disso. Eu te perdoar não vai mudar nada. Sua opção em seguir sua vida destruiu a minha.

DANTE

Eu não posso carregar essa culpa...

PAULA

Não, a culpa não é sua. Eu não estava pronta para o amor. Estava pronta para a luta... Não acreditava no amor. Quando ele se revelou, descobri que a vida era mais do que direitos iguais. Não, não... Sua falta... Não há quem ensine a lidar com isso.

DANTE

Minha vida seguiu e a sua também. Aceite isso.

PAULA

Os dias seguiram, eu apenas fiquei passageira dos dias. Viajei... E sempre a paisagem era grande demais para os meus olhos. Em vão procurava os seus... A paisagem incompleta, muda, morria em mim. Não, eu não segui em frente. Eu prometi que nunca mais choraria. Por favor, não chore você também.

DANTE

Eu nunca quis isso...

PAULA

Não chore, porque seu choro não é para mim, é por você mesmo. Eu sei... Quando eu fui embora, sem endereço, sem telefone, sem amigos... Você também chorou e três dias depois...

DANTE

Por que você veio?

PAULA

Não sei... Porque você estava... Eu vim, é o que importa. Eu amei e paguei o preço por isso.

DANTE

Você vai embora?

PAULA

Vou...

DANTE

Fique.

PAULA

Essa palavra eu esperei durante toda uma vida. Hoje, ela não faz diferença. Olhe para a vida, Dante. Tudo o que ela pode ou não significar. Tudo tão pequeno, rápido, quase sem sentido. Antes, eu acreditava que a luta era por um lugar mais justo. Mas, diga-me, quando o mundo foi justo? Só há ruínas e tristeza. A vida segue...

DANTE

Infinitamente.

PAULA

É... Às vezes amaldiçoo o dia em que nos conhecemos. O maldito salto alto... Depois volto atrás. Naquele dia eu descobri o amor. O que lá ficou é que não me deixou seguir em frente. Adeus...

DANTE

Fique.

PAULA

O tempo da nossa felicidade passou e ninguém se lembrará de nada... Ninguém.

[Paula sai]

ESTER

Eis uma mulher apaixonada.

DANTE

Não me julguem... Eu sofri. Eu queria sentir o que ela sentia, mesmo que fosse por outra pessoa...

ESTER

Não estou aqui para julgá-lo. Não tenho esse direito. Só posso perguntar se não tinha outra saída?

DANTE

Eu tentei... Eu tinha o direito de amar outras pessoas.

CÉSAR

Ninguém está dizendo o contrário. Você é um homem livre.

DANTE

Que fez outra pessoa sofrer... Isso é a liberdade?

ESTER

Não, isso somos nós. Livres... Ao mesmo tempo presos às pessoas...
Veja eu e...

DANTE

Ela nunca me perdoou.

CÉSAR

Acredito que ela nunca tenha deixado de te amar.

ESTER

E ninguém pode culpá-la por isso...

DANTE

Eu queria amá-la, mas o amor não é uma opção da razão.

ESTER

Será?

DANTE

Não sei... Eu não consegui.

ESTER

Talvez não tenha se esforçado muito... Três dias!

DANTE

Só queria sentir o que ela sentia.

CÉSAR

Todos queremos, meu amigo... Todos queremos amar um dia.

ESTER

Queremos...?

CENA 9

Cores da morte

[A soberba precede a ruína, e a altivez do espírito precede a queda]

Eu penso naqueles que têm fome. Ele corre junto com o bando, todos encapuzados, se escondem das câmeras de TV, das autoridades fardadas, do reconhecimento das multidões inertes. Os homens sepultos em ternos pretos, enfiados em prédios cinza, em volta de mesas ocre, lendo relatórios em pastas azuis, impressos em folhas rosas. Por que vocês defendem esses filhos da puta, corruptos de merda, gente sem passado, homens sem família? Os homens levantam seus escudos. Nós devemos manter a ordem. Não queremos desordem, queremos igualdade. VÃO À MERDA COM A IGUALDADE, BANDO DE RIQUEZAS DE BOSTA. Eu quero diversão. Todos querem. Todos correm. Todos gritam, presos, machucados, costas arqueadas, choro, barulho. A arena montada para deleite dos noticiários internacionais, o mundo seguindo em paz.

Tenha limites, é o que diz minha mãe. Os homens de farda ultrapassam os limites, agridem as mulheres, surram os desfalecidos, atiram sem alvo marcado. São humanos, defendem humanos, matam humanos, obedecem a humanos. Somos homens como vocês. Não somos, somos melhores. Quem disse isso? Nós. Quem? Quem são os melhores? Os fardados. Os encapuzados. Os de ternos. Os telespectadores. Quem? Eu sou melhor.

Carlo perdeu, eu perdi, o controle. O jogo não tem mais regras. Os homens de farda ainda são homens. Eu me esqueço. São animais. Um extintor dentro da loja com a vidraça estilhaçada. O extintor em minhas mãos. O carro dos animais de farda. Eles são pessoas de bem. Bem? Que bem fazem? Ele é um cidadão. Cidadão de bem? Por que nos agridem? Extintor acima da cabeça. Eu vou jogar contra aqueles animais. Os animais têm armas além de fardas. Eles não podem me fazer mal. Eles estão aqui para me proteger. Eu arrancarei a cabeça de um com o meu extintor. Carlo irá matar o semelhante.

O homem dentro do carro olha o jovem com capuz azul-marinho, segurando um extintor vermelho, saca sua arma prateada, mira tranquilamente com seus olhos verdes, dispara o gatilho com seu dedo branco, atravessa a cabeça de Carlo com o projétil plúmbeo e vê o corpo despencar no asfalto preto. Os homens de farda estão salvos. Eu não vejo mais nada, uma pequena dor e mais nada. O carro dá ré e suas rodas rolam sobre o meu corpo, de Carlo. Meu corpo, corpo de Carlo, esmagado, solavanco no carro, eu lombada. O carro em fuga. O sangue vinho escorre no chão. Carlo está morto. Eu estou morto?

DANTE
CARLO?

CENA 10

Espelhos

[Porque agora vemos como por espelho, em enigma, mas então veremos face a face]

DANTE
Doutor?

MÉDICO
Diga? Ou melhor, fale pouco, seu estado não é bom. Não se canse...

DANTE
Nasci cansado.

MÉDICO
Conheço os do seu tipo.

DANTE
Meu tipo? Estou numa lista?

MÉDICO
De certa forma, está e não está. Você entendeu o que eu disse... Seu tipo é daqueles que entendem rápido.

DANTE
Um vidente... Não me diga que estou para morrer!

MÉDICO
Se você faz questão desse tipo de humor.

DANTE
Tem pena de mim?

MÉDICO
Deveria?

DANTE
Meu tipo é daqueles de dar pena?

MÉDICO
Nada sei...

DANTE
Você e Sócrates...

MÉDICO

E o resto da população mundial.

DANTE

Você é como eu... Por isso conhece o meu tipo.

MÉDICO

Pode ser o contrário.

DANTE

Onde estão meus amigos?

MÉDICO

Pergunta interessante...

DANTE

E minha ex-mulher.

MÉDICO

Acho que o próprio nome já diz.

DANTE

O senhor sabe se meu filho esteve por aqui?

MÉDICO

Não tenho acesso a essas informações. Nunca me disse que tinha um filho.

DANTE

Tenho...

MÉDICO

Por que você age desse modo?

DANTE

Você deve saber a resposta, somos do mesmo tipo.

MÉDICO

Não somos.

DANTE

Está com medo de se reconhecer em mim?

MÉDICO

Não me reconheço em ninguém.

DANTE

Parece um tanto solitário.

MÉDICO

Não sou eu que estou numa cama de hospital, no final dos meus dias, clamando por amigos, ex-mulher e filho.

DANTE

Ponto! Ficaria ofendido caso eu não usasse o mesmo tipo de argumento numa situação como essa.

MÉDICO

Bom para você... Se ver nos outros.

DANTE

Quem disse que me vejo?

MÉDICO

Alguém está confuso. Você realmente tem amigos?

DANTE

Pergunta interessante...

[Médico sai]

CÉSAR

Falando sozinho?

DANTE

Estou dopado... Estou sem controle do que... Vocês ouviram o médico? Eles podem agir daquele modo?

CÉSAR

De que modo alguém não pode agir? Existe limite?

DANTE

Existe... Você sabe disso mais do que ninguém. Vocês dois sabem... Vocês romperam o limite aceitável.

ESTER

Aceitável por quem?

[silêncio]

DANTE

O que, no fundo, vocês estão fazendo aqui?

CÉSAR

Você nos chamou...

ESTER

Nossa história insepulta. Você parece querer o velório definitivo. Eu não sei se quero...

DANTE

Tudo tem que morrer comigo.

CÉSAR

Desculpe dizer isso, mas contigo só vai o que é seu. O resto continuará como está. Nada irá morrer além de você.

ESTER

Palavras duras...

DANTE

Não me assustam as palavras, conheço todas. Quando morrer, morrerão vocês comigo. Tudo morrerá comigo, porque o meu mundo existe do modo como eu o vejo. Este mundo morrerá.

CÉSAR

E ninguém sentirá falta dele.

ESTER

Basta, César.

DANTE

Deixa ele falar... É verdade. Do meu mundo ninguém sentirá falta. Como também não sentirão do seu. Mundos morrem e renascem todos os dias. Iguais e diferentes.

ESTER

Estou perdendo a linha de raciocínio.

CÉSAR

Não há uma.

DANTE

CALE-SE, César.

ESTER

Agora começamos.

CÉSAR

Não, agora vamos terminar essa história de uma vez por todas.

DANTE

Nenhuma história termina...

DANTE – CÉSAR – ESTER

Vocês eram os meus melhores amigos éramos melhores amigos o que são melhores amigos Não nos conhecíamos há muito tempo Eu sempre fui amigo do César Eu sei Ester mas nos tornamos grandes amigos Quem Você e eu Sim eu e você Ester Eu não entendo nós três éramos amigos como vocês poderiam ser mais amigos um do outro do que éramos os três juntos Não sei a Ester era sua amiga há mais tempo César mas nos demos bem Sim mas nós também nos dávamos bem Dante Todos éramos amigos

DANTE

Éramos?

DANTE – CÉSAR – ESTER

Éramos Então o que deu errado Algo sempre precisa dar errado Algo deu errado César tinha ciúmes da nossa amizade Dante Não posso acreditar que seja só por isso Eu tinha ciúmes sim que mal há nisso Isso não justifica o que vocês fizeram VOCÊS sim o César não agiu sozinho você ficou do lado dele Ester Não fiquei do lado de ninguém agi como sempre agi COVARDE Eu tinha que fazer isso Eu te amava Dante coloque-se no meu lugar É o que estou fazendo

ESTER

Está mesmo?

DANTE – CÉSAR – ESTER

Não posso ser vocês apenas posso tentar entender o que vocês fizeram Não fizemos nada que outros não fariam Outros não eram os meus amigos Um dia fomos amigos Não sei Temos que saber O que define um amigo Vocês me traíram Não Dante você se traiu Acreditando em vocês Não Dante acreditando em nós Foi o que eu disse Não foi o que você pensou FODA-SE Esse é você Dante Sim sou eu e vocês me conheciam então Então o CARALHO Dante você fodeu tudo Não o César que fodeu

CÉSAR
Fodi?

DANTE – CÉSAR – ESTER

Por que Não há por que Tem que haver Esqueça Dante Esqueça Ester
O que fizemos está feito Tudo é reversível Não Sim nós mudamos Não
certas ações não têm perdão Por que Não há Somos assim essa é a
nossa natureza Não pode ser É O que fizemos Cada um acha que fez
uma coisa Não isso não vai redimi-los Não quero remissão Não é o seu
perdão que eu preciso Dante Não queremos esse tipo de atitude por
parte de você NÃO QUEREMOS O PASSADO Não queremos esse cadáver
Aceite o final NÃO QUEREMOS SEU PERDÃO

DANTE
Eu quero.

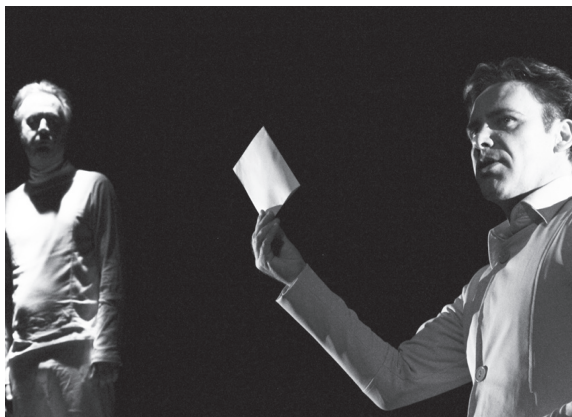
CARLO
Pai?

DANTE
Não...

CÉSAR
Nossa história acaba aqui.

ESTER
Acaba mesmo?

DANTE
Não.



CENA 11

Melhores momentos

[Os teus olhos verão coisas estranhas, e tu falarás perversidades]

REPÓRTER

Ainda não se sabe os motivos que levaram a uma medida tão drástica por parte da polícia. O oficial responsável pela operação disse que o jovem morto representava um perigo iminente à segurança dos representantes dos países...

REPÓRTER

O rapaz estava numa manifestação pacífica e perdeu a vida por lutar por um mundo melhor. Um policial desalmado atirou na cabeça do manifestante. A pergunta que fica é: quando isso vai...

REPÓRTER

Não se sabe ao certo os motivos da queda da bolsa de Nova York, que foi seguida pelas principais bolsas de valores do mundo. Analistas dizem que a queda está ligada à morte do jovem manifestante na reunião de cúpula dos países...

REPÓRTER

O que me pergunto é: onde está a família deste moço? Que tipo de educação recebeu? Eu sou capaz de apostar que se trata de um indivíduo que teve ausência paterna. O uso do extintor como arma é a clara manifestação do símbolo fálico representado pela falta...

REPÓRTER

Neste momento eu só posso pedir que a família desse garoto tenha serenidade para enfrentar a situação. Que a paz, ausente na confusão que se viu, possa reinar no lar e que tudo possa se resolver da melhor...

REPÓRTER

A igreja lamenta os acontecimentos do dia anterior. O porta-voz lembrou da queda de Jó, que perdeu tudo, mas foi recompensado por manter sua fé no criador...

REPÓRTER

Até o início da noite de ontem, havia registro de 186 feridos: 114 manifestantes, 60 policiais, 10 jornalistas e 2 médicos voluntários. Nenhum líder do governo sofreu qualquer...

REPÓRTER

É uma selvageria. Voltamos à época da barbárie. Nosso sistema policial está decadente. O governo está em queda. Ninguém tem o controle de nada. Quantos jovens deverão morrer para que as autoridades tomem alguma providência?

REPÓRTER

Não se tem notícias de outros mortos...

REPÓRTER

Os líderes dos países ricos lamentaram profundamente...

REPÓRTER

O jovem era torcedor do time mais famoso da sua cidade...

REPÓRTER

A namorada irá posar nua na próxima edição da revista...

REPÓRTER

A reunião terminou ontem, com relativo sucesso. Foram assinados vários documentos em favor da erradicação...

REPÓRTER

Vocês acabaram de ouvir as palavras do presidente, que disse acreditar num futuro melhor para as populações carentes...

REPÓRTER

A previsão do tempo indica queda de temperatura e chuva nos próximos dias. Ainda há previsão de sol...

REPÓRTER

No próximo bloco: a rodada do campeonato nacional.

REPÓRTER

Vejam novamente, com detalhes, as imagens que mostram o exato momento em que o policial engatilha sua pistola e acerta, sem misericórdia, a cabeça do jovem manifestante.

MÃE

Eu entro em casa jogo a chave sobre o aparador a bolsa no chão tem pó no chão Mafalda não veio hoje grito por Carlo CARLO ele não está não deve estar mesmo nunca está sempre chego sozinha seu pai também nunca esteve se esteve não lembro não lembro porque faço questão de esquecer ESQUECI tenho que esquecer ele nunca esteve CARLO mesmo

assim sempre chamo duas vezes os sapatos deixo na sala tapete branco maldita escolha onde estava com a cabeça onde estive esses anos todos CARLO nunca chamo três vezes sinto falta dele desejo sua presença mamãe chegou cheguei me beije por favor me beije diga que me ama ligo a TV sempre ligo não importa faz companhia nunca presto atenção

REPÓRTER

O policial mirou com tranquilidade a cabeça do manifestante. O jovem carregava um extintor de incêndio, tinha clara intenção de ferir os policiais. A pergunta que fica é: o policial precisava atirar na cabeça do rapaz?

MÃE

Por quê?

REPÓRTER

Não bastasse o tiro fatal, como vocês podem ver nessas imagens...

MÃE

O policial atira não ouço nem percebo só vejo o rapaz caindo no chão CAIU eu vi a vida acabando um braço sobre si um pacote o policial atirou eu realmente vi o rapaz no chão morto MORTO mesmo calça jeans conheço o colar naquele pescoço

REPÓRTER

Os policiais, numa manobra que não sabemos ser uma fuga ou um ataque, passaram com o Jipe sobre o jovem caído. A pergunta que fica é: eles sabiam que o rapaz estava morto?

MÃE

Por quê?

REPÓRTER

O sangue manchou todo o chão. As imagens não deixam dúvidas. Ninguém veio socorrê-lo. O momento mais terrível, acreditem, é difícil falar sobre isso, um pelotão ainda marchou sobre o corpo...

MÃE

Animais.

REPÓRTER

O jovem de 23 anos, CARLO GIULIA...

MÃE

NÃO Oh deus como explicar o que está acontecendo MEU FILHO como dizer ao mundo que o que EU estou vendo não pode ser visto por ninguém ASSASSINOS meu filho está morto e eu assisto frente à televisão MONSTROS eu mãe como dizer como dizer como dizer por favor deus me dê palavras me tire a dor dê palavras tire a dor EU SOU MÃE não se pode matar um filho frente a sua mãe não se pode matar filhos não se pode fazer isso com uma mãe DEVOLVAM MEU FILHO tirem ele desse chão imundo não pisem no meu filho NÃO MATEM MEU FILHO não façam isso com a minha criança

Eu tenho um segundo de consciência. Vejo o meu filho morto pela televisão da sala – ele pediu para comprar essa TV – e sei que nunca mais o verei com vida. Mas é pela TV que eu vejo meu filho morto, então não pode ser verdade, a TV mente. Tudo na TV é mentira. Mas é ao vivo. Não, é reprise. Foi gravado ao vivo. Meu filho está morto, eu sempre soube que ele morreria, um dia, como todas as pessoas morrem. Sabia que morreria mesmo que eu morresse antes. No mundo todos morrem. Todos, meu filho é apenas um. Tenho consciência por um segundo e a dor cessa por um segundo.

MEU FILHO ESTÁ MORTO ASSASSINOS TIREM ESSA DOR DE DENTRO DE MIM

REPÓRTER

A pergunta que fica é: por que agimos assim?



CENA 12

Self-made-fuck-man

[Que se assente ele, sozinho, e fique calado]

DANTE

César e Ester eram meus amigos. Dormiam na minha casa. Pouco importa se dormiam ou não. Fica parecendo que estou jogando na cara. Posso mesmo estar jogando, talvez algum psicólogo cretino diga que isso faz parte da minha natureza, agir através de um falso altruísmo. Falei dos cretinos dos psicólogos, agora fica parecendo que acho todos os psicólogos cretinos quando, na verdade – se é que existe verdade – então, na verdade, só os psicólogos que pensam nas minhas ações – não as ações de fato, mas o modo como as conto – então, os psicólogos que acham que eu conto o que faço de modo a mostrar como eu fui bom e os outros agiram errado, esses psicólogos são retardados. Não, cretinos. Agora tudo foi pelos ares porque estou tentando justificar o que falei como se eu não pudesse mais falar o que penso sem ser analisado por isso. É impossível falar sem ser analisado, às vezes as palavras escapam, mas a análise de quem ouve não escapa de julgar as palavras que escapam de nossas bocas, como se eu tivesse que pensar mil vezes antes de dizer o que penso de fato porque eu já nem sei o que penso de fato. Eu estava falando dos meus amigos e eles nem sequer são mais importantes nisso tudo. Nisso o quê? Eu me pergunto e não tem coisa mais idiota do que fazer uma pergunta a si mesmo porque você já sabe a resposta, você já sabe antes mesmo de se perguntar. Tudo já está respondido, tudo já foi pensado. Perguntar a si mesmo é uma forma de ganhar tempo, nem sei por que estou dizendo isso, não preciso de tempo. Meus dois amigos, eles dormiam na minha casa e isso é irrelevante perto do que eles fizeram. Nem sei mais se o que eles fizeram foi algo tão grave assim, se levar em conta que só a morte é algo grave. O que eles fizeram é nada perto da morte, mas mesmo diante da morte não consigo parar de pensar no que eles fizeram. Diversas vezes eu tentei falar com eles. Parece que fui eu que errei e nunca tomei conhecimento do meu erro ou tomei e fingi não ter errado ou eles erraram e fingiram que fui eu quem errou e não sei mais o que aconteceu naquele dia, só sei que doeu e mesmo no fim da vida ainda quero falar com eles, colocar toda história a limpo. É difícil não saber de algo que na realidade você sabe mas não tem como agir. Santo Deus, como somos complicados, eram só dois amigos que dormiam na minha casa, nada demais. Certo? Então, por que estou acordado no meio da noite, pensando neles? Eis mais uma pergunta que faço a mim mesmo e que já sabia a resposta antes mesmo de pensar na pergunta. Eu amo meus dois amigos... Não há outra razão... Preciso dormir, preciso falar com eles. Tudo será sempre irreversível?

CARLO

Pai?

DANTE

Estou dormindo, filho.

CARLO
Vim dizer adeus.

DANTE
Você já havia dito.

CARLO
Não, nunca te disse adeus.

DANTE
Então continue sem dizer. Não entendo adeus. Não entendo o prazer mórbido de se despedir para sempre. Não quero, vá embora.

CARLO
Abra os olhos, fale comigo.

DANTE
Estou sonhando.

CARLO
E não faço parte do seu sonho?

DANTE
Faz... Onde estão os psicólogos cretinos para me dizerem que é algo que eu quero dizer a mim mesmo?

CARLO
Pai?

DANTE
Você não é meu filho, Carlo. Você é uma notícia de jornal. Eu sonho... Entende?

CARLO
Pai?

DANTE
Diga, meu filho.

CARLO
Bons sonhos e adeus.

DANTE
Adeus. Eu falei do César e da Ester? A Paula disse tudo o que guardou daqueles anos... Estou delirando, preciso de medicamentos. DOUTOR, eu desço no próximo tempo.

CENA 13

Contagem Progressiva

[Pelo que a sua destruição virá repentinamente; subitamente será quebrantado, sem que haja cura]

ATENÇÃO EVACUEM A ÁREA. SETOR 3 PREPARADO. SETOR 12 PREPARADO. EVACUEM A ÁREA. ESPEREM O SINAL DA TELEVISÃO. ENTRARÃO AO VIVO EM 5, 4, 3, 2, 1 ACIONAR IMPLOÇÃO.

1440 cargas de dinamite, divididas em quatro mil cartuchos de 20 centímetros de comprimento cada. 30 detonações sucessivas e a passagem do prédio do céu para o inferno em 16 segundos. Um silêncio, um estalo, fumaça e destroços.

Meu prédio veio abaixo. Meu nome, minha carreira, minha vida, meu amor, o que sou, o que projetei, o que me tornei, o que sonhei, o que quis, o que fui e seria. Eu sou RAFAEL ALCÂNTARA e deixo de ser em 16 segundos. Minha imagem destruída, irreparável, eu, ídolo, quebrado, destituído do meu trono.

A fumaça alcança o dobro da altura do prédio e no chão, destroços que não ocupam um milésimo do que foi. Eu não quero, mas não pode ser diferente. A fumaça molda um rosto, minha mulher, sepulta em minha obra. Ela sorri, lá está ela, ocupando o céu com seu rosto de fumaça. Está feliz, acho. Meu prédio a enterrou de vez e a mim também. Pago pela morte daqueles que a buscaram e morro com eles. Eu quero mais. Não posso. Não tenho controle do que projetei. Fujo. Para sempre.

- Pai, posso ir com você?

Fique com sua mãe.

IMPLOÇÃO BEM-SUCEDIDA. O TRABALHO DE CINCO ANOS DESTRUÍDO EM 16 SEGUNDOS. PARABÉNS A TODOS DA EQUIPE. DESSE PRÉDIO NINGUÉM MAIS PULARÁ. BOA NOITE.

CENA 14 ***Ad eternum***

[Há um caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele conduz à morte]

MÉDICO

Desculpe, não há mais nada que possa fazer. Apenas aumentar a dose de sedativos.

DANTE

Eu aguento a morte.

MÉDICO

Boa sorte.

DANTE

Eu sempre quis ser médico.

MÉDICO

Por que não foi?

DANTE

Não sei. Comecei minha vida numa biblioteca e lá fiquei até hoje...

MÉDICO

Um bocado de tempo. Por que nunca desistiu...

DANTE

Por que os livros já tinham feito tudo por mim.

MÉDICO

Feitos de mentira.

DANTE

São bem reais quando eu leio... Que amor posso sentir depois dos amores que li? Que herói posso me tornar depois de ver todos vencerem desafios que jamais terei pela frente? A fé que consola, a felicidade que nunca sucumbe, o choro que derrete a alma, a amizade infinita, o gozo lacerante, a morte imortalizada. Tudo mais real do que a minha realidade possa sonhar em ser...

MÉDICO

Triste.

DANTE

O quê? Se subjugar aos livros? Desculpe, doutor, mas o que está guardado nas linhas de um grande autor é maior que qualquer vida de qualquer bibliotecário.

MÉDICO

Você queria ser médico.

DANTE

Não, eu queria ser Homero. Ou um personagem criado por ele. O médico era desejo pequeno!

MÉDICO

Você é o que é...

DANTE

O senhor é médico, respeito isso, mas não banque o cretino comigo, poderei te julgar um psicólogo por isso.

MÉDICO

Qual o problema em ser um bibliotecário?

DANTE

Nenhum... O senhor é capaz de citar algum que mudou a história da humanidade?

MÉDICO

Isso realmente importa?

DANTE

Não sei... Essa é a minha condição, olho para minha vida e não vejo nada.

MÉDICO

Exagero, de certo.

DANTE

Antes fosse. Antes minha vida tivesse o mínimo de exagero. Sou a massa, doutor. Os anônimos. Sou uma engrenagem que roda mecanismo nenhum. Sou aquele que corre atrás do ônibus que nunca para no ponto. Morro hoje e nada muda.

MÉDICO

Você, eu e uma centena de pessoas.

DANTE

Sim. É disso que estou falando. Somos inúteis. Vivemos para realizar tarefas inúteis, repetir ações inúteis...

MÉDICO

Eu sou útil.

DANTE

Talvez eu também fosse, caso tivesse me tornado médico. Mas, cá entre nós, não acho que você seja útil.

MÉDICO

Eu também não acho. Sou, mas também não sou.

DANTE

Confuso, doutor?

MÉDICO

Como você, somos do mesmo tipo.

DANTE

Somos. Os que não realizaram nenhum sonho memorável e aprenderam a sonhar pequeno a partir de então.

MÉDICO

Por que você nunca tentou?

DANTE

Porque os livros me mostraram que não adiantava tentar. Eles já tinham conseguido.

MÉDICO

Livros não são deuses.

DANTE

Mas todo deus está encerrado em um livro.

MÉDICO

Você tem respostas...

DANTE

Nos meus sonhos, doutor. Aumente a dose.

MÉDICO

Não posso.

DANTE

Então, aumente mesmo assim...

Medico

Seu deus está num livro. O meu está comigo. Não posso.

DANTE

Pior para você. Meu deus é uma grande buceta, isso é o que ele é.

MÉDICO

Sentido literal ou figurado?

DANTE

Prepare-se para o discurso, doutor!

[discurso de Dante sobre o deus-buceta ou *O Irreversível Final Daqueles que Caem*]

DANTE

Deus é uma grande buceta pairando sobre o abismo. Entediado, como convém às bucetas, sem saber o que fazer, essa enorme buceta, que nenhum caralho do mundo conseguiria penetrar, inventa de parir. De cuspir através dos seus grandes lábios um ser humano. Deus-Buceta pariu sobre o abismo e desde então, viver é cair. Consegue visualizar, doutor? Uma buceta arreganhada parindo filhos sobre o abismo? Pois foi isso que deus fez. E só nos resta cair. Como se nossas mães, inspiradas no deus-buceta, nos jogassem no abismo depois de cortar o cordão umbilical. E lá vamos nós, caindo, caindo, caindo... E durante a queda, vemos outros que caem do nosso lado. E, malditamente, inventamos de cair juntos. Uma chuva de seres humanos sobre um abismo negro. Nos acostumamos à queda, claro! Ao que não nos acostumamos, doutor? Se nascemos caindo – acho que é por isso que choramos quando nascemos! –, por que não nos acostumaríamos a todo o resto, todo o mal e bondade que podemos fazer? Por que, doutor? E nisso vai, todos caindo, todos sabendo que um dia o abismo terá um fim... E nos encontramos na queda, nos relacionamos na queda, amamos e somos odiados na queda, fazemos filhos e parimos na queda e tudo, tudo sempre estará caindo até o final inevitável. E quando aprendemos a viver com os outros que caem, esses encontram o seu fim. O abismo acaba para essas pessoas e você continua caindo... Sozinho ou à procura de outros que caem. Até o seu fim chegar, como o meu está chegando. Sinto o cheiro da terra firme se aproximando, Doutor. É a morte.

MÉDICO

Ou o final do abismo, como você prefere.

DANTE

O discurso é meu, doutor. É meu... Você ouve. Sim, é o final do abismo, a única certeza de quem cai. Não há saída. Eu farei falta, mas a queda dos outros fará com que se esqueçam do final da minha e assim será, *ad eternum*. Ou até o deus-buceta resolver virar um deus-caralho e morrer sozinho por não poder parir.

MÉDICO

E os que encontram o final do abismo, para onde vão?

DANTE

Não me faça rir, doutor. Eu nunca mais ri depois que vi deus morrer. Não acredito em nada além da queda. Acredito na queda e no final dela. Nossos corpos destroçados e apodrecendo na memória dos que ainda caem, até sumirmos sem deixar vestígio. Não se leva nada da queda, doutor.

MÉDICO

Também não deixamos nada para aqueles que continuam caindo?

DANTE

A certeza de que todos encontram um fim...

MÉDICO

Só?

DANTE

O que mais deixarmos já não nos pertence mais.

MÉDICO

Talvez seja essa a nossa imortalidade...

DANTE

Mais morfina, doutor. Meu discurso aumentou a dor.

MÉDICO

Você não precisa mais de morfina, basta sua imaginação.

DANTE

Você me compreende!

MÉDICO

Me compreende?

DANTE

Minha mãe sempre repetia as últimas palavras do padre.

MÉDICO

Talvez buscasse entender as palavras em sua própria boca.

DANTE

Bobagem.

MÉDICO

Como a da sua mãe, em repetir as palavras.

DANTE

Esqueça as palavras, doutor.

MÉDICO

É o que nos resta.

DANTE

Então estamos fodidos.

MÉDICO

Não estamos?

DANTE

Estamos... As palavras só ajudam. Percebe, Doutor?

MÉDICO

O que há para ser percebido?

DANTE

Minha mãe pulou do prédio que meu pai projetou.

MÉDICO

Uma prova de amor?

DANTE

Ela deixou palavras para tentar explicar o que fez. Meu pai nunca entendeu.

MÉDICO

Talvez só sua mãe entendesse.

DANTE

Talvez... Olhamos a cidade do alto. Ele disse várias coisas. Muitas palavras... Quis tentar me explicar porque minha mãe havia se jogado de lá. Palavras...

MÉDICO

Sim, palavras. O que ele poderia fazer?

DANTE

As mesmas palavras por mais que fizessem sentido não me diziam nada.

MÉDICO

E para seu pai?

DANTE

Sempre me perguntei se o que mais o incomodava era o fato de ela ter morrido ou de ter feito isso do alto do prédio que ele projetou?

MÉDICO

Ou do prédio ter sido morto pelas mortes que provocou? Não foi por isso que demoliram?

DANTE

Ele nunca mais fez um... Ele nunca mais fez nada porque nunca mais o vi.

MÉDICO

Mataram-no junto com a sua mãe.

DANTE

Não sei se ela pode carregar essa culpa.

MÉDICO

Ela pode carregar alguma culpa?

DANTE

Não sei, parecia ter muita quando estava na igreja.

MÉDICO

E você?

DANTE

Não importa. Ele falava, tinha o bilhete que ela havia deixado... Mais palavras... Eu olhava o céu, entendia minha mãe pulando... Eu queria meu pai em silêncio. Um abraço. Silêncio. Mas ele falava e as palavras o matavam...

MÉDICO

Ele precisava desabafar.

DANTE

Não, doutor. Eu olhei nos olhos do meu pai e pude perceber que todo ele era feito de palavras...

MÉDICO

Sente falta dele?

DANTE

Não... Sinto falta das suas palavras.

MÉDICO

Pularia de um prédio?

DANTE

Não. Talvez... Não. Minha mãe não pertencia a essa loucura, tinha a sua própria. Por isso pulou. Eu não.

MÉDICO

Você faz parte dessa loucura.

DANTE

Fui colocado nela.

MÉDICO

Seu pai?

DANTE

Em partes... Não interessa. Você pergunta por curiosidade vazia e eu respondo por desespero existencial.

MÉDICO

Simples... Seja simples.

DANTE
Não posso.

MÉDICO
Pule.

DANTE
Não posso.

MÉDICO
Ama por demais a vida.

DANTE
Amo por de menos a morte. Há algo, doutor, dentro de mim... Bobagem.

MÉDICO
Medo de parecer pueril?

DANTE
Pior do que parecer é ser. Foda-se, há algo em mim, mesmo sabendo da queda, do fim, da inutilidade... Algo...

MÉDICO
Você me compreende.



CENA 15

Salto alto

[Por isso saí ao teu encontro a buscar-te diligentemente, e te achei]

[mulher tropeça e cai]

- Posso ajudá-la?

- Droga. Não estou acostumada com esses saltos.

- Consegue ficar de pé?

- Dói.

- Se você não se importar, podemos ficar sentados no chão.

- Estou de vestido.

- Tudo bem, prometo não olhar a sua calcinha branca. Desculpe...
Excesso de atrevimento!

- Não estou usando calcinha. [Vermelho] Nunca pensei que uma frase tão simples pudesse deixar um homem tão encabulado.

- Na vida, nada é simples.

- Prefiro acreditar que nem tudo seja complicado.

[ela o beija]

- Um beijo descomplicado.

- Espero encontrar mais garotas caídas por aí.

- Essa não é suficiente?

- Essa tem nome?

CENA 16

Revelação do Apocalipse

[Naqueles dias os homens buscarão a morte, e de modo algum a acharão; e desejarão morrer, e a morte fugirá deles]

PAULA

Dante?

CÉSAR

Não adianta chamar.

ESTER

Por que você está aqui? Já não disse tudo?

CARLO

Parece que todos falamos.

PAULA

Parece que só falamos.

MÉDICO

Podem falar o quanto quiserem. Ele está dopado. Não acordará mais.

DANTE

Engana-se, doutor. Seus poderes de clarividência ainda são bem pobres.

MÉDICO

Espero que sim.

DANTE

Todos reunidos. Estou no último suspiro? Vieram guardar minhas últimas palavras?

CÉSAR

Nunca nos interessou as primeiras...

ESTER

Por favor, chega.

PAULA

Vimos para dizer adeus. Não esperávamos ver você acordado.

DANTE

Seria mais fácil se despedir enquanto eu dormia?

CÉSAR

Seria.

DANTE

Vá, César. Desapareça para sempre. Você já fez o que tinha que fazer. Já fodeu minha vida, fodeu parte dos meus sonhos, fodeu minha mulher... Não há mais porque tentarmos voltar atrás nesses acontecimentos. Vá...

CÉSAR

Vou... Mas não porque fodi sua vida, como você grita aos quatro cantos do mundo.

DANTE

O mundo é redondo...

CÉSAR

Vá à merda. Quem fodeu a sua vida foi você mesmo. Você sempre esteve numa cama de hospital, sempre esteve preso nessa mediocridade cômoda, nesses livros idiotas, nessas desculpas intelectuais.

DANTE

Moleque. O que você entende da vida, da mediocridade, dos livros, dos intelectuais. Diletante de merda, arrogante do caralho. Quer olhar a minha vida toda e analisar numa frase? Vocês vieram me ver... Sei que por pena, por eu estar próximo do fim. Por quê?

[silêncio]

CARLO

Eu não sei.

PAULA

Eu já disse o que era preciso dizer.

ESTER

Ficaram pendências.

CÉSAR

Sobraram pontos finais.

MÉDICO

Não há porquês.

DANTE
Há. Tem de haver.

CÉSAR
Diga-nos então. Quais os porquês de estarmos aqui?

DANTE
Preciso de mais sedativo doutor.

MÉDICO
Você precisa de mais coragem.

DANTE
Que merda é essa? Você acha que pode falar comigo desse jeito só porque colocou na cabeça que somos o mesmo tipo de pessoa? Não, eu não preciso de mais coragem... Talvez precise. TIREM-ME DESTA MALDITA CAMA DE HOSPITAL.

[silêncio]

DANTE
Estou caindo, Paula.

MÉDICO
Todos estamos, segundo sua teoria.

PAULA
Eu não posso fazer nada.

DANTE
Não... Pode. Quer dizer. Se você quiser. Vamos cair juntos de novo. É possível? Eu ferrei tudo, eu sempre ferro. Eu queria fazer diferente. Todos os livros, nobres atitudes, atos heroicos. Passou tudo? Não fica um pouco de nada? Eu não posso sair daqui, não há para onde ir. Tudo já está ocupado. Venha comigo?

PAULA
Eu vim até aqui para dizer tudo o que você já sabia. Que eu mesmo já sabia... Repetir palavras... Não posso mais ir com você. Eu falhei, te amei tanto... E depois, do meu amor fiz... Dor. Fiz... E da dor a única razão da minha existência. Burra... Eu não deixei a chama se apagar. Fiz do meu drama o centro do meu universo... Meu amor por você virou um buraco negro e me engoliu... Inteira. Foi bonito te amar... Acho... Levei as consequências longe demais... E sei que fiz isso sozinha. Ah, como pode o belo se revelar podre? Não posso ir com você, já encontrei o final do meu abismo.

[Paula sai]

DANTE
O que fiz?

MÉDICO
Não se culpe por tudo. Você não é o centro do universo de todas as pessoas.

DANTE
Por que falamos de culpa?

CARLO
Não sinta culpa.

DANTE
Quero ser como você, meu filho.

CARLO
Quer mesmo?

MÉDICO
Não.

DANTE
Sim. Quem fala aqui sou eu. Sim, quero lutar como nos livros.

CÉSAR
Esqueça os livros.

DANTE
Não posso.

ESTER
Escreva um.

DANTE
Todos os livros já foram escritos.

ESTER
Escreva mesmo assim.

MÉDICO
Não há mais tempo.

DANTE

E mesmo que houvesse, eu não me permitiria... Não sou capaz de suportar minha mediocridade imortalizada num punhado de papel. Por isso te invejo, meu filho.

CARLO

Não escrevi um livro.

DANTE

Não! E também não se prendeu às regras...

MÉDICO

E pagou por isso.

DANTE

Todos pagamos por tudo que fazemos. Estou numa cama de hospital por isso.

CÉSAR

Você sempre esteve.

DANTE

Você já me disse isso. O que quer mais, César?

CÉSAR

Me dispense.

DANTE

Vá. Volte.

CÉSAR

Decida.

DANTE

Me perdoa...

CÉSAR

Não.

[César sai]

MÉDICO

Ele não te deve perdão.

DANTE

Você... Você fala demais.

ESTER

Ele está certo.

DANTE

Um complô?

ESTER

Também vou...

DANTE

Vá. Você sempre precisou ficar lambendo o cu do César.

ESTER

Essa frase é mais um motivo para eu ir.

DANTE

Por que, Ester?

ESTER

Não sei... Nem você sabe. Aconteceu. Você ficou com as consequências e as guardou para si até hoje. Tolo. Tola eu também... Não posso te dizer por que certas coisas acontecem dessa forma. Éramos os melhores amigos e nunca mais nos falamos desde aquele dia. Não sei... Qual é a loucura que nos cega e nos transforma. Eu sei... Somos carne e sangue, todos... Mas, dentro, em algum lugar nas nossas células, nos nossos átomos, sei lá onde, mas tem algum lugar que nos faz diferentes mesmo sendo feitos de carne, sangue e ossos. Ficamos diferentes demais...

DANTE

E não conseguimos lidar com essas diferenças... Por quê?

ESTER

Não deu tempo de saber... Se assim somos nós ou se assim nos fizeram. Lamento. Eu segui minha vida, mesmo te amando.

DANTE

Eu sei. Eu fiquei com o passado.

MÉDICO

E com os livros.

DANTE
Todos no passado.

ESTER
Você fez a escolha.

DANTE
Fiz?

ESTER
Responda... Ainda há tempo.

[Ester sai]

DANTE
Há, doutor?

MÉDICO
Não.

CARLO
Há, pai.

DANTE
Você está morto, meu filho. Sua imprudência o matou.

CARLO
Você desejou essa imprudência uns minutos atrás.

DANTE
Desejei...

MÉDICO
E desprezou.

DANTE
Você foi cedo demais.

CARLO
E mesmo você indo tarde não conseguiu uma vida feliz.

DANTE
O que é a felicidade?

CARLO
Não posso responder isso.

MÉDICO
Ele pode.

DANTE
Posso?

CARLO
Adeus, pai.

DANTE
Adeus, Carlo. Se pudesse, eu teria um filho como você. Mesmo sabendo que o perderia aos 23 anos.

CARLO
Você pôde. Mas também se perdeu aos 23 anos.

[Carlo sai]

DANTE
Ficamos nós dois, doutor.

MÉDICO
Sempre fomos só nós dois.

DANTE
Tem outro caminho?

MÉDICO
Tem.

DANTE
Eu quero.

MÉDICO
Quer mesmo?

DANTE
Não sei...

MÉDICO
Mesmo no final ainda tem dúvidas...

DANTE

Eu não acredito que valha a pena mudar.

MÉDICO

O pior é que você acredita.

DANTE

Psicólogo cretino.

MÉDICO

Somos dois.

DANTE

Me pergunto se não foi você que me colocou aqui?

MÉDICO

Ou você que me colocou aqui.

DANTE

Vieram todos?

MÉDICO

Todos os que você queria ver. Resolveu?

[tempo de decisão]

DANTE

Quero viver.

MÉDICO

Tarde demais.

[um corpo despenca no chão]

FIM DA QUEDA

Prefeitura de São Paulo Fernando Haddad
Secretaria de Cultura Juca Ferreira

Centro Cultural São Paulo | Direção Geral e Divisão de Curadoria e Programação Ricardo Resende **Divisão Administrativa** Gilberto Labor e equipe **Divisão de Acervo, Documentação e Conservação** Kelly Leani Santiago (diretora interina) e equipe **Divisão de Bibliotecas** Waltemir Jango Belli Nalles e equipe **Divisão de Produção e Apoio a Eventos** Luciana Mantovani e equipe **Divisão de Informação e Comunicação** Ricardo Resende equipe **Divisão de Ação Cultural e Educativa** Alexandra Itacarambi e equipe **Coordenação Técnica de Projetos** Priscilla Maranhão e equipe

Ensaio sobre a queda | Idealização Maria Tendlau **Direção e Iluminação** Marcelo Lazzaratto **Dramaturgia** Carlos Canhameiro **Elenco** André Corrêa, Chico Lima, Liana Ferraz, Michelle Gonçalves, Paulo Barcellos e Weber Fonseca **Cenário** José Valdir e Marcelo Lazzaratto **Figurino** Paolo Mandatti **Trilha Sonora Original** Rui Barossi **Produtora** Cooperativa Paulista de Teatro **Produção** Carlos Canhameiro **Curadoria de Teatro do CCSP** Kil Abreu **Assistente de Curadoria de Teatro** José Maurício Lanza **Projeto Gráfico** Solange de Azevedo **Fotos** Carlos Canhameiro **Impressão** Gráfica do CCSP

Assessoria de Imprensa do Centro Cultural São Paulo Emi Sakai, Zaira Hayek e Alvaro Olyntho (estagiário) (imprensaccsp@prefeitura.sp.gov.br)

ENSAIO SOBRE A QUEDA

Projeto contemplado pelo Prêmio Procultura de Estímulo ao Circo, Dança e Teatro.

Apoio: Oficina Cultural Oswald de Andrade

A peça *Ensaio sobre a queda* foi escrita em 2006 dentro do projeto "Escrita Aberta" (contemplado pela Lei de Fomento ao Teatro da Cidade de São Paulo) da Cia. dos Dramaturgos.

distribuição: gratuita, no CCSP

tiragem: 1000 exemplares

São Paulo, 2013



**PREFEITURA DE
SÃO PAULO**

 **Centro Cultural São Paulo**



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte

Ministério da
Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

Este projeto foi contemplado com o Prêmio Procultura de Estímulo ao Circo, Dança e Teatro

WWW.CENTROCULTURAL.SP.GOV.BR

R. Vergueiro, 1000 / CEP 01504-000
Paraiso / São Paulo SP / Metrô Vergueiro
11 3397 4002
ccsp@prefeitura.sp.gov.br